

O QUE É ETNOCENTRISMO

*Luciana de Carvalho Pascoal**

ROCHA, Everardo P. Guimarães. **O que é etnocentrismo**. 11. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

Everardo P. Guimarães Rocha, Doutor em Antropologia Social pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, em seu livro *O que é etnocentrismo*, trata de forma lúdica e objetiva a respeito do etnocentrismo.

Fazendo jus ao nome do livro, o autor conceitua e exemplifica esse “sentimento” da antropologia, fazendo com que paremos para refletir sobre nossas atitudes perante o “outro”.

Para Rocha, temos a experiência de um choque cultural como uma espécie de pano de fundo da questão etnocêntrica. O etnocentrismo é uma visão de mundo na qual o nosso grupo é tomado com centro de tudo e todos os outros são pensados e sentidos através dos nossos valores, nossos modelos e nossas definições. No plano intelectual, o etnocentrismo pode ser visto como a dificuldade de pensarmos a diferença; No plano afetivo, como sentimento de estranheza, medo, hostilidade e etc.

O autor nos leva à época das navegações e expedições europeias ocorridas do século XV ao XVII, considerando essa fase histórica como fundamental para a constituição do etnocentrismo. Era o “velho” mundo buscando coisas cujas dimensões talvez nem soubesse e o “novo” mundo um tanto indefeso frente ao furacão que começava a envolvê-lo. Povos assustados com o olhar do “outro” frente a frente. Momento marcante a exigir que se começasse a pensar a diferença porque esta já se impunha na sua força de radicalidade.

Porém, durante os séculos XVIII e XIX, surgiram esforços no sentido de dar novas explicações ao etnocentrismo apontando que o “outro” é diferente porque possui diferente grau de evolução (desenvolvimento, realização). Essa foi a fase conhecida como evolucionismo. Seus principais representantes foram os ingleses James George Frazer e Edward Tylor e o americano Lewis Morgan.

A passagem do século XIX para o século XX trouxe para a Antropologia um conjunto vasto e complexo de novas ideias formuladas a respeito do etnocentrismo por um grupo

* Acadêmica do segundo período matutino do curso de Direito, do Instituto de Ciências Jurídicas da Faculdade Alfredo Nasser, sob orientação da professora Ms. Cristiane Roque de Almeida, na disciplina Antropologia Jurídica, no semestre letivo 2011/1.

brilhante de pesquisadores. Relativizar passou a ser um termo de fundamental importância, ao menos nas fronteiras da Antropologia. Percebeu-se a importância de estudar as culturas humanas nos seus particulares tais como condições históricas, climáticas, lingüísticas e etc. Nesse aspecto, um alemão chamado Franz Boas foi um dos pioneiros, inaugurando a fase tida como difusionismo.

O autor nos mostra que, ainda no século XX, Émile Durkheim, Malinowski e Radcliffe-Brown também contribuíram através de suas pesquisas para que a antropologia se desvinculasse dos contextos históricos e partisse para o estudo da sociedade do “outro”, se ocupando de observar o “funcionamento” sem se preocupar com o passado destas. Processo, estrutura e função foram noções cuidadosamente definidas para a formação de um esquema interpretativo da realidade social. Essa foi a fase do funcionalismo. Para a teoria funcionalista, o indivíduo sente necessidades e cada cultura vai satisfazê-las criando instituições (econômicas, jurídicas, políticas, educativas) para dar uma resposta coletiva organizada, resultando em soluções para atender essas necessidades.

Todas essas passagens históricas nos mostram o percurso de formação e desenvolvimento da Antropologia, fazendo com que compreendamos sua luta contra o etnocentrismo, na tentativa de superá-lo.

A leitura flui de modo fácil nesta obra de Everardo P. Guimarães Rocha, fazendo com que até mesmo aqueles que não pertencem ao mundo das ciências sociais entendam o que é o etnocentrismo e tenham uma compreensão um pouco mais ampla do ser humano, a um só tempo, problematizada e generosa.